

A LAPIDE DE SILVES

do rei-poeta arabe
Al-Motamid

Caro amigo Alvaro de Lemos

Permita-me, esta semana, um parêntese nas considerações suscitadas pelos artigos do sr. Ludovico de Menezes... Mas é que não quero deixar passar a oportunidade, sem comentar o delirante artigo de «A Voz» de 12 do corrente, em que o decantado academico Carlos Pedro Cabrita, quixotesicamente arvorado para a circunstancia em *português das terras do Algarve* (e... em sineiro-mór de não sei que freguesia), vem furiosamente tocando a rebate contra a grande e horrível *vengonha* (!) da lapide que em Silves se vae inaugurar á memoria do celebre *Motamid*!...

Em primeiro lugar, eu contesto ao sr. Cabrita o titulo com que se exorna de *português das terras do Algarve*. . . Lá me parece demais; porque o sr. Cabrita não é de nenhuma outra terra do Algarve a não ser Lagoa. *Português d'uma terra do Algarve* ou da *terra do Algarve*, que é Lagoa, ou, ainda, da *terra de Lagoa, no Algarve*, — sim. Mas *das terras*?! (Então: diga quaes são...)

Em segundo lugar, estranho muito que o sr. Cabrita só tão tarde venha piar e barafustar, porquanto no n.º 585 do «Correio do Sul», (de 6 de Maio proximo findo), em que ele me dirigiu a 1.ª carta, lá vinha na 1.ª pagina (e justamente na columna em cujo verso se lia o seu escripto) um artigo intitulado *uma homenagem em Silves a Al-Motamid rei poeta arabe*, artigo em que se davam os topicos essenciaes da sua vida e personalidade, se transcreviam versos seus, e se informava, muito explicitamente, que é ao sr. dr. Pedro Judice que «se deve a louvavel e interessantissima iniciativa» que a Camara de Silves tem apoiado decididamente, e se acrescentava que, para assistir á inauguração virão a Silves «alguns illustres intellectuaes andaluzes, entre os quaes o distincto escriptor D. Blaz Infante, que realizará conferencias sobre o rei-poeta, sobre literatura e turismo.»

A entrevista do sr. dr. Alfredo de Carvalho no «Diario de Noticias» é posterior; mas tambem foi publicada ha já mais d'um mez (em 8 de Junho). O toque a rebate e o vesânica algazarra do sr. Cabrita veem, pois, um pouco serôdiamente... Mas como, enfim, mais vale tarde que nunca, registemos a salganhada que o sr. Cabrita arranja a proposito de Motamid, do muçulmanismo andaluz e da obra de D. Julian Ribera, esperando que ele proprio a desembrolhe quando estiver mais desanuviado de espirito, lá para Novembro, conforme tambem já annunciou no «Moca» da mesma data de «A Voz»...

Em terceiro lugar, não chego a compreender como é que tendo dito o sr. Cabrita, com natural ulania regional, a pag. 26 do seu já famoso opúsculo, que Silves «foi uma cidade poderosa, rica e notavel, no tempo dos arabes», e acrescentado uma demonstrativa citação de Herculano para que o não acusassem de *bairrista em excesso*, — venha agora todo enturecido contra a memoria de Motamid que consubstanciaria o *muçulmanismo*, «de tal forma ele

cantou o amor corteção, o amor pôdre, o amor-harem». (sic)

Porque bastam os versos em que Motamid deixou vincado o seu amor pelo seu filhinho Abu-Haxim e aqueles em que lastima a sorte de suas filhas, para mostrar que no seu *muçulmanismo* tambem havia outra substancia d'amor...

De resto, ou o regionalismo, tradicionalista do sr. Cabrita é... *integral* e nada do que foi *algarvio* lhe pode ser extranho ou então é apenas um regionalismo... *fôra do qual não ha salvação!*... a não ser na gargalhada!

Em quarto lugar, erra visivelmente o sr. Cabrita, julgando que nós pertencemos a «uma raça *fundamentalmente* (!) cristã», apenas porque, com uma cultura aparentemente filha do *cristianismo*, teria Portugal dominado e com ela *estruturalmente* (!) viveria ainda; como se mostra, ao que parece, ignorante ou desmemoriado da existencia de escravos e de castrados pelos seculos cristãos fôra...

Em quinto lugar, ... quando o sr. Cabrita fôr, solenemente, escarrar na lapide, é conveniente anunciar, *urbi et orbi*, com a devida antecedencia, o dia e a hora, porque, como o acto terá, segundo o declara, «uma finalidade colectiva», eu pelo menos desejo ir assistir, munido, já se deixa ver, de maquina fotografica para tirar o respectivo instantaneo e dar-lhe a competente divulgação... D'outra forma, o facto poderia não merecer credito ou passar inglório e eu pertengo ao numero d'aqueles que entendem que o sr. Cabrita, não pode, pelos seus talentos e taçanhas, deixar de ser... *levado á glória!*...

Nós podemos, caro amigo e sr. Lemos, não estar de acordo nem com o andaluzismo, (puramente espiritual, embora), do sr. Blaz Infante, nem com o *modus-faciendi* da comemoração... Mas isto é uma coisa muito diversa, mesmo patrioticamente, da discordancia do lagoense sr. Cabrita, que se diz *cristão*, a respeito da propria ideia da comemoração ao poeta-rei Motamid, que era *mus-sulmano*.

Poderá pois tratar-se de *uma andaluzice*, se se quizer encarar pejorativamente a homenagem ao Motamid, em lindos azulejos sevilhanos. Mas não vejo razão para não aceitar a oferta; pois de contrario teriam que recusar-se todas as similares de todos os paizes e que mandar arrancar de todos os palacios portuguezes os azulejos que vieram d'Espanha...

Uma marroquice porem é que o acto não é, a não ser dentro da paranoica concepção do sr. Cabrita que, para sua psychoterapia pessoal, está carecendo, infelizmente, e cada vez mais, de praticar a maxima de não me recordar que autor francez que reza assim: «on peut, á la rigueur, avoir raison et rester poli; c'est même la manière d'avoir pleinement raison». *Marroquice*, repito, é que o acto não é de modo nenhum, porque nem o sr. dr. Pedro Judice, nem D. Blaz Infante são de Marrocos; e por outro lado, Motamid foi bem o simbolo do puro *arabismo* andaluz tanto para o dominio semi-marroquino de que ele livrou Silves, como para os almo-rávidos que o levaram em captivo.

Desculpe, caro amigo e sr., esta especie de *pedanteria historica* a que me vejo forçado em face dos destemperos e inconveniencias do sr. Cabrita que se julga provavelmente em terra conquistada já, pelo seu *furôr sagrado*, e perde assim a noção de todas as medidas, inclusive da medida... liti-

Conclue na 2.ª pagina

AL - MOTAMID

(Continuado da 1.ª pagina)

raria, porque diz e depois deixa de dizer e enfia por outra coisa e confunde e digressa e pergunta e responde e volta atraz... —enfim na mais indisciplinada sarabanda mental!...

Não lhe gritarei: fôra! fôra! porque intelizmente não é preciso, visto ele já estar suficientemente fôra da razão e da realidade, e por conseguinte apenas se tornar indispensavel mas é gritar-lhe: *p'ra dentro!*, *p'ra dentro!*

Agradecendo-lhe a publicação peço-lhe me continue a crer

am.º mt.º att.º vend.º

Francisco Fernandes Lopes

s/c — Olhão, 16 de Julho 1928.

P. S.—«A Voz» que está servindo de instrumento á furia anti-muçulmanista do academico Cabrita, traz publicado, em data de 18, e em 1.ª pagina, um manifesto cabrítico que se diz ter sido profusamente distribuido no Algarve.

Trata-se dum documento nitidamente *psychiatrico* e que portanto não pôde ser tomado a sério pelo publico. N'ele se falseia a verdade historica, podendo-se pelo mesmo criterio dizer que D. João II foi um assassino.

Para cortar pela raiz este e outros dislates do sr. Cabrita, eu vou pedir á filha do general Oliveira Parreira, autor do romance historico «Os Luso-Arabes», para autorizar uma reedição dum romance tão curioso e interessante, actualmente exgotado, mas que todo o Algarve lerá com proveito e gozo.

Só assim o publico poderá fazer juizo justo de quem foi o pae de Motamid, Motamid e o seu amigo Ibn-Amar que pela triste perfidia do seu character se tornará tão odioso aos muçulmanos que quando Motamid, n'uma exaltação justificável o matou, «não se viu quem por ele derramasse lágrimas, nem se ouviu quem dissesse:—Seque-se a mão ao mata dor».

O sr. Cabrita e «A Voz» exploram a ignorancia do publico, nada mais.

F. L.